



**SESSÃO COORDENADA 06 - GÊNERO E SENSIBILIDADES**  
**COORDENADORAS: ROSEMERE OLÍMPIO DE SANTANA & MARIANA MOREIRA NETO**

**AFIRMANDO A VIDA, ELABORANDO O FEMINISMO NA PARAÍBA:  
APONTAMENTOS A UMA ABORDAGEM HISTÓRICA**

*Dayane Nascimento Sobreira<sup>1</sup>*

**RESUMO**

A História, longe de ser uma narrativa mais verdadeira do passado, corta, tece, elaborando sentidos ao que cabe ser dito, lembrado. Nessa perspectiva, a entendemos como uma construção de significações que leva em conta o dispositivo da sexualidade e o controle biopolítico, análises trazidas pelo filósofo Michel Foucault. A história é sexuada, portanto, já sinalizava Tânia Swain (2013). Nesse sentido, visamos tecer considerações desse campo teórico levando em conta possibilidades de articulações com as subjetividades e investimentos libertários possibilitados pelos feminismos, com ênfase no feminismo paraibano, grande área de estudo de nossa pesquisa de mestrado. Dessa forma, esperamos contribuir com uma abordagem possível para a história do movimento feminista, entendendo este como um lugar propulsor da elaboração de artes da existência e de cuidados consigo e com o outro.

**PALAVRAS-CHAVE:** Feminismo. Dispositivo de sexualidade. Cuidado.

- “- Ô mãe, me explica, me ensina, me diz o que é feminina?  
- Não é no cabelo, no dengo ou no olhar, é ser menina por todo lugar.  
- Então me ilumina, me diz como é que termina?  
- Termina na hora de recomeçar, dobra uma esquina no mesmo lugar.*

*Prepara e bota na mesa com todo o paladar  
Depois, acende outro fogo, deixa tudo queimar”*

(Feminina. Intérprete: Joyce)

<sup>1</sup> Mestranda em História pela UFPB. Trabalha com a história do movimento feminista na Paraíba pós-década de 1970, com enfoque sob a história, memória e trajetórias ligadas ao Cunhã Coletivo Feminista, cuja sede situa-se na cidade de João Pessoa-PB. Contato: dayanesobreira26@gmail.com.

Um círculo vicioso: “ser mulher”, Amélia, dona de casa e guardiã do lar. Uma mulher fadada à servidão alheia. Essa canção, eternizada na voz de Joyce Moreno, evidencia tal destino, já colocado em xeque na década de 1980 e com fios históricos que nos levam a pensar nas sufragetes, em episódios como a queima de sutiãs ou na trajetória histórica do feminismo francês e norteamericano. Lançada nessa mesma década, nos põe a refletir acerca da cristalização da mulher enquanto pautada no biológico. Perguntamos como fez Swain (2000): Como pode o corpo, o sexo, deixar de ser sexo e se tornar uma identidade? O que seria então, o feminino? Nessa verve, marcada por obrigações culturais, sociais e simbólicas, as mulheres aparecem capazes de instaurar revoltas capilares, desvios e reapropriações: “acende outro fogo, deixa tudo queimar”. Sim, essa labareda coloca sob cinzas o destino culturalmente reservado ao feminino e faz alçar o voo da fênix do cuidado e da vontade de potência.

*Feminina* foi utilizada em uma das oficinas matrizes realizadas pelo Cunhã Coletivo Feminista no início da década de 1990. Essas oficinas geralmente contavam com discussões supervisionadas pelas facilitadoras, o fim era a vivência coletiva e a sensibilização para opressões vividas e muitas vezes automatizadas. Pensar na realização dessas oficinas é pensar em um patamar de reflexão sobre as mulheres, suas condições e subjetividades e do desdobramento de ideias feministas no Estado da Paraíba. Fundada em 1990 por seis mulheres vindas de grupos feministas anteriores, a exemplo do *Grupo Feminista Maria Mulher*, *Grupo de Trabalho Mulher e Favela* e *Grupo Raízes*, o Cunhã é a primeira organização não governamental (ONG) feminista do Estado. Sediada na capital João Pessoa, atualmente trabalha sob quatro eixos: *Direitos Sexuais e Reprodutivos*, *Enfrentamento à Violência Contra a Mulher*, *Fortalecimento do Movimento de Mulheres e Trabalho* e *Autonomia das Mulheres*. Desses, dois foram os motores de toda a história da fundação que ainda hoje atua sob os mais diferentes setores da sociedade, realizando desde mobilizações até formações e intervenções, além de contar com um polo de atuação na mesorregião do Cariri<sup>2</sup>. Com um link, então, nos grupos feministas primeiros, o Cunhã continua na ativa com 25 anos de história e será nosso enfoque no texto da dissertação a ser defendido no final de 2016.

De 1979, o primeiro grupo feminista do Estado nasceu no cerne da Universidade Federal da Paraíba, encabeçado por mulheres intelectuais das ciências humanas e da

---

<sup>2</sup> Para conhecer mais sobre a ONG: <http://www.cunhanfeminista.org.br/>.

saúde. Dois anos depois, emergiu o Grupo de Mulheres de Campina Grande. Trazendo experiências políticas do exílio e de combate à ditadura, algumas dessas mulheres vinham do exílio na França, tendo passado por países como o Chile. Esses grupos foram responsáveis pela propagação de ideias libertárias na Academia e pela atuação junto às comunidades do Bairro dos Novaes, Beira Rio em João Pessoa, Álvaro Gaudêncio e Pedregal em Campina Grande, além de prestar assessoria aos grupos camponeses do Brejo<sup>3</sup>, então em organização.

Ao longo da década de 1980, esses grupos se autodissolveram, contudo, a semente já tinha sido lançada e frutificou o Grupo Raízes, em Campina Grande, e vários núcleos de estudos nas universidades, a exemplo de eixos de estudo no Núcleo de Documentação Histórica e Regional (NDHIR – UFPB/Campus João Pessoa) e no Núcleo de Estudos da Mulher Sertaneja (NEMES – UFPB/Campus Cajazeiras). Como em um rizoma, metáfora conceitualizada por Deleuze (apud GUATTARI; ROLNIK, 1996), os ideais feministas foram pulverizados, tomando uma nova proporção ao longo da década de 1990.

Temos portanto, uma sucessão de encontros, fazendo minha solidão povoada, como disse Rosa inspirada em Deleuze, quando de meu estudo da dimensão dessas lutas de mulheres e de constituições de si. Para citar a autora: “O mundo é uma indagação permanentemente instigada a cada encontro” (ROSA, 2013, p. 53). Dessa feita, meu mundo não parou de mudar desde o início da sistematização dessa história que começou a tomar forma quando da escrita de meu trabalho de conclusão de curso, em 2014.

Sistematização, visto entendermos a História enquanto um dos discursos acerca do passado, ela tem seu lugar próprio no panteão das ciências. Como traz Ankersmit (2012) ao falar das contribuições da Virada Linguística e da teoria literária para o campo historiográfico, representamos, atribuímos, damos significância, logo a verdade jamais poderá ser nosso guia. Na guisa dessa conclusão, estaria uma das vantagens da Virada: a desconfiança para com a linguagem. “Máquina complexa”, o texto histórico suprime, corta, é uma operação cirúrgica como já disse Certeau (2007).

Como numa pintura de Magritte, olhamos para o texto historiográfico e para seu fora, este que é concebido aqui “como a superfície de uma pintura figurativa que deve provocar no espectador a ilusão de verdade, de que não está olhando para a pintura, mas a própria realidade” (ANKERSMIT, 2012, p. 233). É assim que a linguagem e o próprio

---

<sup>3</sup> Microrregião do Agreste paraibano, da qual pertencem os municípios de Alagoa Grande, Alagoa Nova, Areia, Bananeiras, Matinhas, Pilões e Serraria.

olhar são constituidores de sentidos, de representações. O texto e a linguagem são maquinarias de encarnação como aponta Alômia Abrantes (2008) ao discorrer sobre a emergência de Anayde Beiriz como mulher macho e da Paraíba masculina, estudo fruto de sua tese de doutoramento.

O que é a história, finalmente, senão uma imensa lacuna, uma interrogação sem fim, um silêncio sem limites, cujas margens possíveis encontram-se no ruído do tempo, alcançado apenas através de algumas páginas em rascunho, algumas inscrições veladas, inapreensíveis traços do humano? (SWAIN, 1996, p. 130).

Com essa pergunta, Tânia Swain evidencia a impossibilidade de narração mais verdadeira do passado, ela faz isso ao mesmo tempo que analisa as representações ditadas sob as mulheres e mais especificamente sob as mulheres nativas no século XVI. Excluídas e marginalizadas do imaginário social, o sentido histórico atribuído a elas passa pelo crivo do dispositivo de sexualidade, conceito a ser discutido mais à frente, e que é responsável pelo silenciamento de figuras – que beiram até a mitologia – como as amazonas das florestas americanas, negadas segundo a autora, de suas próprias existências. O discurso então invisibiliza, apagando, silenciando, criando, atribuindo significações.

Visamos costurar memórias, criar outras, contribuir com a elaboração de estudos sobre o feminismo e as trajetórias de vida ligados a ele no Estado da Paraíba. Não nos interessa o fechamento definitivo de fronteiras temporais e espaciais visto que o movimento emerge aqui como fruto de influências exógenas.

Pensar esse campo é entender a construção histórica de forma sexuada, em que o masculino encarnou a imagem e a representação do humano como fonte de toda produção e criação humana. A história é sexuada, portanto, e omite atos e realizações das mulheres (SWAIN, 2013). O feminismo como movimento social, semeou bases para ir amenizando esse silêncio. Sem dúvidas, instaurou uma série de críticas culturais, teóricas, epistemológicas que reverberaram no cotidiano das relações sociais. Pensando nas configurações contemporâneas, avanços se processaram embora as raízes do patriarcado ainda permaneçam. Muito ainda há de se percorrer nessa era do feminismo interseccional<sup>4</sup>. Muito se fez, contanto, no viés das críticas e de um modelo branco, heterossexual, civilizado e de primeiro mundo. Via de regra, evidenciou relações de

---

<sup>4</sup> Por feminismo interseccional entendemos a análise conjunta pelo crivo da crítica feminista a partir de eixos como: gênero, etnia, classe social e da construção cultural dessas categorias.

poder constitutivas de saberes (RAGO, 1998) e poderes que se processam a partir da biopolítica, instauradora de normas, de controle social e dos corpos.

O feminismo se projeta, então como um contradiscurso cujo aporte é libertário, energizante, que instala novas relações teoria/prática, permitindo à subjetividade ser uma forma de conhecimento. Não deixando de pensar a diferença, o feminismo em muito se aproxima das formulações foucaultianas como nos diz Rago (Idem). Aqui, entendemos o poder como uma analítica, como uma pulverização de forças dinâmicas que atravessa o corpo social, como um constructo que envolve produção e resistência. Sendo capilar, é um poder produtor e onipresente “é o nome dado a uma situação estratégica complexa” (FOUCAULT, 2014a, p. 101).

Nesse ínterim, o poder pontuado pelo feminismo é o poder do qual trata Foucault! O poder que oprime, que atravessa corpos, que dita o sexo, que controla. A falar sobre o sexo, Foucault dedicou seus últimos escritos: teoriza as maquinarias de poder e segundo ele, nossa sociedade carrega o problema da curiosidade sobre o sexo, vivendo numa eterna busca por sua verdade. Como dizer então uma verdade sobre ele? Sendo o discurso um veiculador e também produtor de poder, teve-se a partir do século XVIII a produção da própria sexualidade a partir de dispositivos específicos que foram eles: a histerização do corpo da mulher, a pedagogização do sexo da criança e a psiquiatrização do prazer perverso. O dispositivo de aliança tão logo foi substituído pelo dispositivo de sexualidade, que: “Tem como razão de ser, não o reproduzir, mas o proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global” (FOUCAULT, 2014a, p. 116). Nascendo incestuoso, a família, depois médicos e pedagogos atuaram no agenciamento desse dispositivo.

Ainda Foucault nos diz que existem duas rupturas no trato com a história da sexualidade: no século XVII com as grandes proibições e no século XX com afrouxamentos decorrentes do desenvolvimento da psicanálise. Vale ressaltar que o dispositivo aparece como uma nova distribuição dos prazeres, dos discursos, da verdade e dos poderes, é o dispositivo que dita e esteve comprometido com a garantia de perpetuação de força e perenidade pela burguesia, expoente máximo nessa elaboração. Por ele entendemos a cristalização de alguns lugares relegados ao feminino, ao marginal em nossa sociedade. O dispositivo da sexualidade que nasce em substituição ao dispositivo de aliança e que se institui preocupado com articulações higienistas, mais puras, biopolíticas.

Sob inspiração deleuziana, a filósofa espanhola Beatriz Preciado (2011) nos fala da sexopolítica, na política ditada a partir do sexo cujos discursos e tecnologias de normalização das identidades sexuais são um agente de controle da vida. Na era do *queer*, o sujeito central do feminismo é colocado em xeque: a mulher. Estamos diante de redefinições que colocam questões, inclusive, para o movimento feminista atual: Com a categoria mulher desnaturalizada para além do biológico, transexuais entram ou não no movimento?

Como se deu a construção então, do feminino através do dispositivo? Como elucidada a historiadora Tânia Swain, a invenção do corpo feminino sexuado se pauta na naturalização do biológico passando pela associação da verdadeira mulher à figura da mãe. Dentro dessa lógica, o sexo é o verdadeiro sentido, a essência dos corpos através do crivo da heteronormatividade e da tentativa de controle por esse dispositivo. Assim, “o sexo é incorporação, criação de corpos sexuados inseridos em uma ordem sócio-histórica, definida através de suas práticas discursivas, normativas, pedagógicas” (SWAIN, 2000, p. 68).

Foco de ação política, o sexo é acesso à vida do corpo e à vida da espécie e logo se tornou ferramenta de regulação das populações. Encontrando refúgio na norma, se instituiu como um misto desejável e como um entrelaçamento de finalidades e significações. Nas palavras de Michel Foucault:

O sexo, essa instância que parece dominar-nos, esse segredo que nos parece subjacente a tudo o que somos, esse ponto que nos fascina pelo poder que manifesta e pelo sentido que oculta, ao qual podemos revelar o que somos e liberar-nos o que nos define, o sexo nada mais é do que um ponto ideal tornado necessário pelo dispositivo de sexualidade e por seu funcionamento (FOUCAULT, 2014a, p. 169).

Foi na lógica do controle que Foucault situou o dispositivo da sexualidade. Pela gestão calculista da vida, o corpo entrou no campo das técnicas políticas, do biopoder. Diferente das sociedades soberana e disciplinar, na sociedade de controle, a morte já não seria valorizada, importava distribuir os vivos em um domínio de valor-utilidade. Se na sociedade soberana, matava-se para viver, na sociedade disciplinar havia o sufrágio, a exposição, o corpo domesticado. O controle, por sua vez pacífico, fez a vida entrar no domínio dos cálculos explícitos de fortes investimentos na valorização e gestão dos corpos vivos. Assim, passamos de um direito de morte a um poder sobre a vida.

No mesmo sentido, Deleuze analisou novos mecanismos de controle e a constituição do que Foucault chamou de sociedade empresarial. Usando a metáfora da serpente/toupeira, situa mudanças dessas sociedades com base nas transmutações do capitalismo. E alerta: “Os anéis de uma serpente são ainda mais complicados que os buracos de uma toupeira” (DELEUZE, 2008, p. 226), ao se referir respectivamente à sociedade de controle e disciplinar. Vale ressaltar que essas sociedades coexistem, uma não suplantando a outra: agora, ao mesmo tempo que aqui escrevo, alunos de uma escola pública do bairro do Tambauzinho em João Pessoa, estão em fila na minha frente aguardando a vez de assinarem uma lista de controle na biblioteca onde estudo. São estes corpos moldáveis, corpos dóceis que coexistem na sociedade do controle, corpos que são pacificados nessa anátomo-política que vigia e pune. Não nos deteremos à conceitualização do poder disciplinar, visto enfocarmos o poder controlável da sociedade empresarial – traçando um link aqui entre Foucault e Deleuze – embora não negando a dimensão de suas (des)continuidades.

Em meio a esse controle, contudo, a vida escapa. Escape que é trazido por Susel Oliveira da Rosa (2013) ao falar das trajetórias militantes de Nilce Cardoso, Flávia Schilling e Danda Prado, mulheres que resistiram à ditadura civil militar brasileira potencializando a vida. Sob tempos sombrios, calcaram a imanência da vida, buscando suplantar suas dimensões objetivas com a constituição de tecidos afetivos, de cuidados consigo e com o mundo.

Sobre a cultura de si, Foucault inspirado nos gregos, fala da necessidade de “ter cuidados consigo”, cuidados que fazem vibrar cuidados com a alma; cuidados que acionados, nos distinguem dos animais, meros viventes. Laborioso, é um exercício de intensificação das relações sociais e de autoconhecimento. “Pertencer a si”, “ser seu”, “o acesso a si é suscetível de substituir uma forma de prazer que, na serenidade e para sempre, se tem consigo mesmo” (FOUCAULT, 2014b, p. 85).

Nessa feita, o feminismo denunciou uma cultura do narcisismo, de não preocupação pelo outro e de olhar agora para uma luta comum, para a condição das mulheres (entendida durante muito tempo pelo movimento tomando por base o biológico), uma cultura pautada em valores masculinos, em futilidades que são o inverso do conceitualizado por Foucault e pelos gregos através da cultura de si. Esse olhar para si constituía verdadeiras práticas de liberdade. Hoje, parecemos estar esvaziados dos sentidos da experiência, como nos diz Rago (2006), o ocupar-se de si é visto como vaidade, concepção que como vimos, se transmutou através das epistemes.

A partir de W. Benjamin e sobre a experiência, J. Gagnebin (2009) comenta que ela é responsável por atravessar existências individuais, sua ausência acarreta o desaparecimento de formas tradicionais de narração, que tem sua fonte na transmissibilidade.

O cuidado de si, fundante da ética do indivíduo, vivenciado coletivamente constitui um verdadeiro cuidado com o mundo. Esse cuidado atravessou e atravessa o feminismo paraibano. São muitos os fios desse tecido afetivo, muitas as redes que fazem dialogar amizade e luta, no ápice das paixões, do grego: pathos. Essa dimensão é percebida pelas integrantes dos grupos e é transparecida nas vivências pessoais e coletivas dessas mulheres, revelando o escape da biopolítica através de modos de vida libertários. Cuidado que Susel da Rosa traz a partir da trajetória de Nilce Cardoso quando da visualização de possibilidades de vida em estado de exceção.

Ainda sobre as possibilidades de resistência, Guattari e Rolnik nos trazem ingredientes para pensar focos de reapropriação nesse limiar. A singularidade, relacionada à sociedade do controle – chamada por eles de sociedade capitalística – abre eixos de desvio, elecando brechas no sistema de subjetivação dominante. Assim: “Todos os devires singulares, todas as maneiras de existir de modo autêntico chocam-se contra o muro da subjetividade capitalística” (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 50).

Sem dúvida, o feminismo representa uma fuga da teia biopolítica, ele que foi criando novos efeitos de sensibilidade e no imaginário social, novas configurações da relação entre os sexos. Criando modos específicos de existência, renovou e atualizou o imaginário cultural e político de nossa época (RAGO, 2004). Muito embora isso não represente o esgotamento de lutas, para a autora, vivemos um processo de feminização cultural em curso: o mundo tem se tornado mais feminista e libertário. Dessa forma, em um mundo mais liberto, é que as subjetividades femininas se configuram, se tornam móveis e incômodas: ser link de afirmação de vida é algo altamente desestabilizador.

Assim, as identidades ligadas à segunda geração do feminismo paraibano ainda estão em mutação: são subjetividades nômades. Muitas dessas trajetórias ainda se mantêm juntas às bandeiras de luta feminista seja na instância pública (exercendo cargos de confiança) a nível estadual e federal, na bancada legislativa ou à frente da instituição que ajudaram a criar: o Cunchã Coletivo Feminista. São as trajetórias de Gilberta Soares, Estela Bezerra e Soraia Jordão que serão trabalhadas por nós no texto de dissertação. “É cansativo ser sempre o mesmo”, já dizia Foucault. Nesse sentido, as

identidades feministas são mutáveis, configurando novas demandas e novos cuidados, perfazendo verdadeiras artes feministas da existência.

## REFERÊNCIAS

- ANKERSMIT, Franklin Rudolf. **A escrita da história**: a natureza da representação histórica. Tradução: Jonathan Menezes [et al.]. Londrina: Eduel, 2012.
- CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 2. ed. 3ª reimp. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2007.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução: Peter Pál Pelbart. 7ª reimp. São Paulo: Editora 34, 2008.
- Feminina. Intérprete: Joyce. In: **Joyce**, 1980, Odeon LP/CD, faixa 01.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I**: A vontade de saber. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra, 2014a.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade III**: O cuidado de si. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra, 2014b.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar, escrever, esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2009.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. Subjetividade e História. In: \_\_\_\_\_. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- PRECIADO, Beatriz. Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 1, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104026X2011000100002/18390>>. Acesso em: 22 fev. 2015.
- RAGO, Luzia Margareth. Feminismo e subjetividade em tempos pós-modernos. In: **Poéticas e Políticas Feministas**. Cláudia Lima Costa; Simone Pereira Schmidt. (Org.). Florianópolis: Editora das Mulheres, 2004.
- \_\_\_\_\_. Epistemologia feminista, gênero e história. In: Joana M. Pedro; Mirian Grossi (Orgs.). **Masculino, Feminino, Plural**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998.
- \_\_\_\_\_. Narcisismo, sujeição e estéticas da existência. **Verve – Nu-Sul**, São Paulo, n. 9, 2006. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/view/5147>>. Acesso em: 05 jun. 2014.
- ROSA, Susel Oliveira da. **Mulheres, ditaduras e memórias**: “não imagine que precise ser triste para ser militante”. São Paulo: Intermeios; Fapesp, 2013.
- SILVA, Alômia Abrantes da. **Paraíba Mulher–Macho**: Tessituras de gênero, (desa)fiões da história. 2008. Tese (Doutorado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- SWAIN, Tânia Navarro. A história é sexuada. In: Luzia Margareth Rago; Ana Carolina A. de Toledo (orgs.). **Paisagens e tramas**: o gênero entre a história e a arte. São Paulo: Intermeios, 2013.
- \_\_\_\_\_. A construção imaginária da história e dos gêneros: o Brasil no século XVI. **Textos de História**, Brasília, v. 4, n. 2, 1996. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/textos/article/view/5789/0>>. Acesso em: 01 jul. 2015.
- \_\_\_\_\_. A invenção do corpo feminino ou “a hora e a vez do nomadismo identitário?”. **Textos de História**, Brasília, v. 8, n. 1-2, 2000. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/textos/article/view/5904>>. Acesso em: 16 jul. 2015.